



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Política Social e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Adolescência.

## ADOLESCÊNCIA E CONTEMPORANEIDADE – ASPECTOS TEÓRICOS DE APOIO AO TRABALHO COM ESTA POPULAÇÃO

Adriana Alves da Silva<sup>1</sup>

Rachel Araujo de Matos<sup>2</sup>

Ruth Araujo de Matos<sup>3</sup>

Francisca Fabiana de Souza Costa<sup>4</sup>

Liara Aparecida da Costa Fiusa<sup>5</sup>

**Resumo:** O artigo é parte da pesquisa realizada pelo PIBIC/IFCE. Neste recorte, amparado na pesquisa bibliográfica, apresentamos o estado da arte, constituído do resgate histórico da adolescência à contemporaneidade, a partir de reflexões interdisciplinares e diálogo com estudiosos e pesquisadores, e objetiva nortear ações de cuidado ao adolescente, considerando suas necessidades biopsicossociais.

**Palavras Chaves:** Adolescência. História. Contemporaneidade. Cuidado.

**Abstract:** The article is part of there search carried out by PIBIC / IFCE. In this section, based on bibliograph icalre search, we present the state of art, constituted from historic al rescue from adolescence to contemporaneity, based on interdisciplinary reflections and dialogue with scholars and researchers, and aimstoguide actions of care for adolescents, considering the ir biopsychosocial needs.

**Keywords:** Adolescence. History. Contemporaneity. Care.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é um fragmento de pesquisa intitulada “Saúde do Adolescente: a contribuição da Estratégia Saúde da Família no acompanhamento desta fase da vida”, realizada com apoio financeiro do PIBIC – IFCE, que objetiva caracterizar as transformações biopsicossociais vivenciadas pelos adolescentes e a contribuição da Estratégia Saúde da Família no cuidado a esta fase da vida.

A pesquisa ainda se encontra em andamento, sendo o presente um recorte constituído do estado da arte. Neste, foi possível constatar que a adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano de importância fundamental. É um período marcado por

---

<sup>1</sup> Professor com formação em Serviço Social, IFCE Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, IFCE Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação, IFCE Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação, IFCE Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>5</sup> Estudante de Graduação, IFCE Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

diversas transformações corporais, hormonais e comportamentais, sendo, também, nesta fase, que se processa a individualização e construção da identidade própria de cada ser.

Não obstante essa concepção, durante muitos anos se pensou ser a adolescência uma fase natural e homogênea de crises e rebeldia, e, somente aos poucos, em virtude das transformações sociais, consubstanciadas pelo rápido progresso e disseminação de tecnologias, sua denominação foi ganhando novos contornos e vista sob o paradigma histórico e sociocultural como um período da vida em que ocorrem rápidas mudanças físicas, cognitivas e sociais, junto à maturação sexual e reprodutiva (BRASIL, 2005).

A compreensão da adolescência, a partir desse paradigma histórico e sócio cultural, nos indica a necessidade de se levar em conta que, mesmo vivendo em uma mesma sociedade, os adolescentes podem ter ideias semelhantes e comungar dos mesmos códigos, mas podem, ainda, apresentar vivências particulares, uma vez que encontramos grandes diferenças entre o desenvolvimento de adolescentes da zona rural e urbana, bem como, entre adolescentes que se desenvolveram nos anos de 1980 e na atualidade, diferenças essas que se apresentam pelos níveis sociais, econômicas, raciais e de sexo, dentre outras.

Ante a este paradigma, a responsabilização e intervenção dos setores da sociedade para orientação, acompanhamento e cuidado ao adolescente requer uma interpretação e atenção plural, não sendo contemplada numa definição única e universal, ou delimitada apenas do ponto de vista cronológico.

Sem dúvida, a garantia do desenvolvimento saudável e integral dos adolescentes passa pela orientação e atenção dos diversos setores da sociedade, dentre esses, a saúde. Corroborando esta assertiva, Lamare (2005) enfoca que, trabalhar pela saúde de adolescentes, exige uma visão holística do ser humano e uma abordagem sistêmica das necessidades dessa população, não se restringindo à prevenção de doenças e agravos ou ao atendimento clínico.

Assim, refletir sobre a adolescência, compreender a sua particularidade da realidade local e contribuir para a construção, aprofundamento e ampliação do conhecimento científico acerca do tema, na perspectiva de que possa oferecer subsídios aos profissionais que trabalham com esta população e, do mesmo modo, contribuir para a redução de agravos à saúde dos adolescentes, se faz urgente e necessário, motivo pelo qual nos propomos a realização da pesquisa, cujo recorte apresentamos neste artigo.

## **ADOLESCÊNCIA E CONTEMPORANEIDADE**

Em seu artigo intitulado *Adolescência através dos tempos*, Grossman (1998, p. 68) nos explica que, em linhas gerais, “a ideia do que hoje chamamos adolescência, é pressentida a partir do século XVIII”. Anterior a essa data, não havia uma distinção entre adolescência e o mundo adulto, não havendo, também, consideração sobre as particularidades dos adolescentes.

Corroborando a ideia da autora, percebemos que, para compreender a adolescência como a vemos na atualidade, não basta apenas buscar sua historicidade, mas necessitamos também do desvelamento dela, em condicionantes econômicos e socioculturais. Nessas condições, o nascimento da adolescência, propriamente dita, está muito mais associado à institucionalização da sociedade capitalista burguesa, com a introdução de espaços, ideologicamente, divulgados como de igualdade e ascensão, do que propriamente como categoria com importância e necessidades especiais no desenvolvimento humano.

É válido esclarecer, contudo, que a adolescência, como idade cronológica, sempre existiu. Na Idade Antiga, os adolescentes e jovens, desde o nascimento, eram entregues a um preceptor, que se responsabilizava por sua educação, diga-se, marcada por enorme rigidez para formação do caráter, tornando-se adulto por decisão do genitor, por volta dos 14 anos, quando trocava as vestes infantis pelas vestes de homem (FROTA, 2007).

Na Idade Média, a adolescência também não tinha um lugar de destaque e era confundida com a infância. Como a “ideia de infância estava ligada à ideia de dependência, e a saída dessa, para o ingresso pleno no mundo dos adultos, ocorria quando a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou ama”, a entrada no mundo adulto se fazia sem marcos ou ritos de passagem, adentrando a criança “na sociedade dos adultos, sem se distinguir mais deles”, sem qualquer referência à adolescência (GROSSMAN, 1998, p. 69).

Acentua Ariès (1981, p. 156), que, na Idade Média, “o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas”: a criança era vista como “um adulto em miniatura” (ARIÈS, 1981, p.10), não havendo separação entre infância e maturidade.

Somente nos séculos XVII e XVIII, o conceito de criança se transformou e essa passou a ser vista como um ser “engraçadinho” e objeto de “paparicação” (ARIÈS, 1981, p. 14). Essa transformação, não por acaso, emergiu concomitante à formação da sociedade burguesa, onde se dissemina a ideia de família centrada no lar e, escola, como instituição formadora, organizações capazes de transformar a criança em um ser racional, que, por meio de uma educação para o futuro, converter-se-ia em homem ideal.

Válido lembrar que, necessitando a nova estrutura econômica da nascente sociedade burguesa de qualificação e formação, um novo sistema escolar se fez exigência.

Assim, surgiu o sistema de classe, que dividia os alunos de acordo com o seu desenvolvimento, seguido do sistema de idade, que passou a separá-los por faixa etária. Conforme nos informa Ariès (1981, p. 176), “essa divisão não era perfeita, pois as crianças de 10 e 14 anos, assim como os rapazes de 19 e 25 anos, frequentavam as mesmas classes, no século XVII e XVIII. Até o final do século XVIII, não se teve a ideia de separá-lo”. Foi, porém, graças ao “estabelecimento progressivo e tardio de uma relação entre a idade e a classe escolar, que o período da segunda infância – adolescência – foi distinguido” (ARIÈS, 1981, p. 177).

Nesta direção, ressalta Ariès que a escola passou a ser espaço privilegiado para a produção de juventude, surgindo, daí, a elaboração ideológica de juventude como condição de estudantes,

Essa distinção de classes indicava portanto, uma conscientização da particularidade da infância ou da juventude, e do sentimento de que, no interior dessa infância ou dessa juventude, existiam várias categorias. Ressalta-se que instituição do colégio hierarquizado no século XIV já havia retirado a infância escolar da barafunda em que, no mundo exterior, as idades se confundiam. “A criação das classes no século XVI estabeleceu subdivisões no interior dessa população escolar” (ARIÈS, 1981, p. 173).

Nos séculos subsequentes – XIX e XX –, a adolescência foi concebida em um contexto de crises e contestação social. Frota, citando Abramo (2007, p. 153), ressalta que,

[...] esse fenômeno facilitou que se plasmasse tal caracterização como a característica própria dos jovens. É possível vermos que a virada para o século XX traz consigo a invenção de uma adolescência representada como uma fase de “tempestades e tormentas” e germe de transformações. O movimento hippie, da década de 60, e o juvenil, de 1968, contribuíram para formar um discurso sobre o que é ser adolescente, instituindo o modelo masculino, da classe média, como o estalão privilegiado. Por toda a década de 70, o movimento de ampliação da contracultura juvenil continuou se expandindo.

Na atualidade, definir adolescência tornou-se tarefa mais complexa, já que essa categoria, nos últimos anos, tem ganho destaques plurais. Encontramos grandes diferenças, por exemplo, entre o desenvolvimento de adolescentes da zona rural e urbana, bem como, de setores marginalizados e das classes mais favorecidas economicamente. No dizer de Dávila (2005, p. 13), é por essa razão que “não se pode estabelecer um critério de idade universal que seja válido para todos os setores e todas as épocas: a idade se transforma somente em um referente demográfico”.

Alguns autores ressaltados em Frota (2007, p. 153) corroboram esta afirmação:

Ferreira (1992) vê grande diferença entre a juventude da década de 50 e a contemporânea, denunciando a falta de sentido e inatividade que considera ser o mais notável na juventude de então. Já Lindemberg (1993), assinala as contradições e incertezas da juventude de baixa renda da periferia de São Paulo, considerando

serem essas características identificatórias dos adolescentes pesquisados. Diógenes (1998) ressalta que os movimentos juvenis despertaram visões diferenciadas na sociedade, tais como desordeiros ou renovadores, enfatizando as diferentes representações sociais atribuídas a esses movimentos.

Parte dessa complexidade se apoia na atual conjuntura, onde

Especialmente no Brasil de hoje – um dos países com maior desigualdade socioeconômica no mundo – a exclusão social se superpõe a uma clivagem básica entre ricos e pobres. Essa dicotomia estabelece padrões diferenciados para esses grupos, os quais constroem imagens estereotipadas uns dos outros, aumentando a rejeição entre si, já que procuram se defender da ameaça do outro, do diferente (UNESCO, 2004, p.44).

Destaque, também, a essa complexidade, se faz pelo neoliberalismo, cujos valores consumistas ampliaram as opções, inclusive, com disponibilidade tecnológica e digital, influenciando o desenvolvimento de adolescentes, que, na busca do impacto e da visibilidade, se envolvem em ondas *punk*, *dark*, *skinheads*, dentre outras, realizando ações sem questionamento ou convicção, anulando-se e alienando-se sob o prisma da aparência.

Fruto das consequências desse viés, podemos perceber,

Em primeiro lugar, a débil participação no sistema educacional e a precariedade da inserção no trabalho impedem que ambos os sistemas operem como transmissores de normas e valores que ordenam a vida cotidiana e estruturam aspirações e definam metas a serem alcançadas. Segundo, os fenômenos de instabilidade e não realização integral, que estão afetando as famílias desses setores afetam as relações intrafamiliares. Terceiro, o isolamento e o distanciamento em relação a canais de acesso a mobilidade se dá em contexto em que se fragilizam suas oportunidades, inclusive em termos de formação normativa (UNESCO, 2004, p. 44).

Em verdade, não se pode definir com exatidão o início e o fim da adolescência, muito embora, organismos nacionais e internacionais busquem delimitar esse período. Para a OMS – Organização Mundial da Saúde, a adolescência está, cronologicamente, compreendida ente 10 e 20 anos (CALLIGARIS, 2004). Já a legislação brasileira, através do Estatuto da Criança e do Adolescente, considera adolescente a faixa etária de 12 a 18 anos. (BRASIL, 1990). Também no Brasil, o Conselho Nacional de Juventude adota a faixa etária entre 15 e 29 anos para juventude, nessa, considerando entre 15 e 17 anos, os adolescentes jovens; entre 18 e 24 anos, os jovens–jovens; e, entre os 25 e 29 anos, os jovens adultos (BRASIL, 2005).

Em meio a esta dinâmica, cabe ressaltar que a adolescência destaca-se pela subjetividade, que “aparece cada vez menos associada a uma categoria de idade e, cada vez mais, a um conjunto diversificado de modos de vida” (PAIS, 2003, p. 378), que se revelam diante das experiências peculiares à idade, na busca de uma identidade própria, do sentido da vida e da própria existência.

Nessa busca e conquista de identidade, ou seja, na construção de uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas, com os quais, o indivíduo está solidamente comprometido, os adolescentes são impelidos a vivenciar experiências, influenciados sobremaneira pelo contexto social, cultural, político e econômico em que estão imersos (ERIKSON, 1972).

Assim, ante a veiculação de informações e as mudanças velozmente difundidas e manifestas, independentemente da busca, os adolescentes parecem ser induzidos a vivências que, ora se apresentam como desafio, ora como atração irresistível, provocando a dúvida, quanto à validade das tradições e dos modelos de educação recebidos, e a incerteza do novo que se apresenta.

Ajustadas ao processo produtivo, essas mudanças que atingem os mais diversos setores da ação e do pensamento humanos, são responsáveis pela quebra de paradigmas, pelo desenvolvimento de uma nova cultura, por outro tipo de sociedade e de pessoa.

Todas essas mudanças marcam a sociedade e provocam insegurança e diferentes formas de reação em cada pessoa, e, mais especificamente, nos adolescentes.

Na interpretação de Costa (2001, p.23), o mundo atual, denominado de pós-modernidade,

[...]“vem se constituindo marcado por um forte sentimento de desconfiança na razão, na ciência, na política” e “como consequência [desse] forte sentimento de desconfiança que marca o fim do século XX, os dogmas, as crenças, os princípios fixos e as verdades objetivas viraram fumaça, deixaram de ser guias seguros para a vida das pessoas. O tempo hoje é o da pluralidade de verdades, da experimentação e da busca de novos e variados caminhos para conhecer e explicar o mundo.

Conforme Salles (2003, p. 6), “a liberalização dos costumes traz reflexos na educação dos filhos, que se torna menos rigorosa. Mudam-se as formas de dominação e a autoridade se torna democrática”.

Ainda na visão desta autora,

As relações de autoridade e os valores sociais e morais estão sendo questionados e revistos. De um lado, tem-se a criança e o adolescente precocemente seguros de como devem se comportar e de outro, a própria sociedade que se vê em crise de autoridade e confusa quanto aos valores morais que deve adotar, o que se reflete nas atitudes dos pais e dos educadores. Os pais se encontram confusos quanto às práticas educativas, não sabendo mais se e como devem impor disciplina aos filhos. Os pais se sentem inseguros e hesitam em impor seus padrões, pois não sabem mais o que é certo e o que é errado (Lasch,1991). Ao mesmo tempo em que a criança e o adolescente adquirem o direito de serem respeitados nas suas exigências (SALLES, 2003, p.6).

Assim, na atualidade, ao tempo em que se constata o desenvolvimento de novos estilos de vida, também se comprova um apelo ao consumo, a banalização de valores morais e éticos do sexo, das relações afetivas, da solidariedade, da disciplina, enfim, da

própria vida, veiculadas através da mídia e sustentadas por interesses de mercado, que estimulam a conquista do prazer imediato e de um falso estado de plenitude e independência, alienando adolescentes que, desnorteados, vivem a filosofia do "vale tudo", num estado confuso, em que não sabem mais o que devem ou não fazer, como fazer, e, ainda, não conseguem distinguir o bom do mau, o certo do errado, o construtivo do destrutivo (GASPAR, 2004).

Por sua vez, o adolescente, na procura de um sentido de identidade, entendida como busca de integração das experiências, desenvolvimento de um sentido de individualidade e consciência cada vez maior de seu próprio destino (OLIVEIRA-COSTA, 1997), "tende a rejeitar o que antes era valorizado (aspectos do pai internalizado) e [tem] a urgência de adotar convicções que o ajudarão a encontrar seu mais íntimo *eu*. Nessa procura, o adolescente é, muitas vezes, tentado a fazer escolhas prematuras, ou a deixar o barco correr passivamente" (GÜNTHER, 1999, p.4), "uma vez que, a dúvida constante aparece como resultado do não poder confiar em suas próprias capacidades, nem nas capacidades decisórias dos pais, resultado das diversas modificações sofridas pela sociedade na qual estão inseridos" (BARRETO; AIELLO-VAISBERG, 2007, p.107).

Atualmente, milhões de adolescentes passam por dificuldades típicas da transição da infância para a vida adulta, em muito agravadas pelo contexto social, econômico e cultural.

São problemas comuns desta fase sentimentos de inferioridade, descontentamento com a escola, timidez, medos específicos variados, dificuldades em estabelecer amizades ou casos amorosos e questões relacionadas à sexualidade (GASPAR, 2004).

Numa fase mais tardia da adolescência, predominam os conflitos relacionados à escolha da profissão e à aquisição de maiores responsabilidades; dúvidas e medos com relação ao futuro, bem como, o sentimento de incapacidade que podem dificultar e, até mesmo, impedir que o adolescente consiga o sucesso profissional (GASPAR, 2004).

Todos esses sentimentos e vivências podem ser construtivos, à medida que propiciam aos adolescentes a realização de anseios, aspirações e formas de expressar sua criatividade, porém, podem ser destrutivos, na medida em que incentivem sua agressividade e violência.

Para que as crises vivenciadas possam ser construtivas, os adolescentes precisam ser acompanhados. Conforme Assis (2005, p. 24), "quanto mais protegido, menor é a chance de surgirem consequências negativas para a sua vida. Proteger é importante para que o adolescente consiga mais autonomia para dar seus próprios passos".

O mesmo autor nos fala ainda que receber apoio constantemente

[...] ajuda o adolescente a se sentir seguro para trilhar os caminhos da vida e a estar bem consigo e com os outros. Esse sentimento de segurança tende a se conservar

no decorrer da vida, mesmo quando se enfrentam momentos de doença, morte, decepção com alguém, separação na família ou qualquer outra situação dolorosa. Mas, esse sentimento precisa ser reforçado por familiares, professores, colegas e outras pessoas importantes para que permaneça sendo uma base segura ao longo da vida. (ASSIS: 2005, p.25).

Proteger o adolescente é disponibilizar “espaço para diálogo, valorização individual, incentivo ao trabalho coletivo, autoridade sem autoritarismo [...], afeto, respeito [...], e participação na família e na comunidade” (SILVA, 2009, p.23). Significa ainda inclusão, ser também

[...] escutado, ser reconhecido, sentir-se membro da sociedade em que se vive, poder realizar projetos, obter espaços específicos e ter possibilidades para desenvolver a sua criatividade. Há necessidade de desenvolver um sentimento de confiança na sociedade, de fazer-se escutar e de criar elos com as instituições (CASTRO, ABRAMOVAY, 2002, p.25).

Na sociedade atual, percebe-se que nem sempre os adolescentes e jovens têm a quem recorrer para pedir orientação e/ou esclarecimento, no sentido de tirar dúvidas. Várias são as fontes de informações, sobretudo, pela mídia, e o fato de estarem sempre *conectados*, como se equipamentos, como celular e *i-pod*, fossem extensão do corpo, os tornam mais bem informados de maneira geral, porém, sem aprofundamento em temas específicos, o que os deixa envoltos em interrogações nos momentos de decisão.

O acesso a *sites* de relacionamentos, bem como, redes sociais, serviços de mensagens instantâneas, ampliam as relações, contudo, caracterizam-se por ligações tênues, permitindo a troca de amores e amizades com bastante rapidez, sem a presença da dor. Analisando essa situação e suas consequências, afirma o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, citado por Buchalla (2009, p. 88), que, “como não é possível recusar sempre a vivência da dor, a contrapartida pode ser o aumento da ansiedade, em relação a relacionamentos pessoais e opções profissionais”.

Nesse contexto, os jovens parecem se encontrar encurralados dentro de condições sociais que aumentam em muito sua vulnerabilidade. Para Nascimento (2002, p.71),

As representações sociais que se formam a partir das inúmeras informações, mediadas, sobretudo pela mídia, não fornecem condições para que o adolescente planeje e articule ações como uma forma de superação da condição ou situação vivida, uma vez que estas informações se destinam muito mais à construção de modelos estereotipados de comportamentos para atender as demandas de consumo.

Nesse contexto, não raro, vemos adolescentes compensando sentimentos de inferioridade, por meio dos riscos a que se expõem, sem se dar conta dos perigos reais. Sentimentos de inadequação exacerbados podem levar ao uso de drogas, à sexualidade



promíscua e a diversos tipos de distúrbios afetivos, como depressão, síndrome do pânico, transtorno obsessivo compulsivo e alimentar.

Nos tempos atuais, os jovens têm se destacado como uma população vulnerável em várias dimensões, figurando com relevo nas estatísticas de violências, desemprego, gravidez não-desejada, falta de acesso a uma escola de qualidade e carências de bens culturais, lazer e esporte. Este quadro se mostra particularmente grave ao se considerar que os jovens, além de uma promessa de futuro, são uma geração com necessidades no presente e, fundamentalmente, uma geração estratégica no processo de desenvolvimento de um país (UNESCO, 2004, p.15).

Portanto, constata-se que pouco se tem de institucionalizado para que as dificuldades dos adolescentes sejam prevenidas, dando-se conta quando os agravos já estão instalados, constituindo-se problemas de saúde, como alto índice de gravidez indesejada, incidência de doenças sexualmente transmissíveis, aumento dos acidentes com veículos a motor, envolvendo o uso de álcool, exposição cada vez mais precoce ao fumo e outras drogas, problemas, que, em sua origem, são mais comportamentais do que biomédicos, os quais, tratados de forma preventiva, ensejam a que se contribua para minimização dos altos índices/indicadores negativos de saúde e das recheadas estatísticas.

Se olharmos por outro ângulo, todavia, a adolescência também se caracteriza como expressão de potencialidade, que muito pode contribuir no desenvolvimento das gerações de uma nação.

Com efeito, Campos, citado por Meirelles e Ruzany (2008), enfatiza o fato de que, quando adequadamente canalizadas, a adolescência e juventude se transformam em grupo – chave para qualquer transformação social, já que dispõe de potencial crítico, criativo, inovador e participativo, que pode ser o propulsor de mudanças positivas.

Nesse sentido, ante a democratização das oportunidades e, principalmente, da participação, o adolescente vai aprendendo a pensar e agir, adquirindo, assim, em razão da complexa realidade político-social de nosso tempo, melhores condições para decidir, de forma autônoma, responsável e madura, podendo ultrapassar os limites de seu entorno pessoal e familiar, influenciando na vida comunitária e social, contribuindo sobremaneira no desenvolvimento da sociedade (RUZANY; MEIRELLES, 2008).

Para que, no entanto, a institucionalização do cuidado com adolescentes se faça presente na sociedade, de modo a ultrapassar enfoques setoriais, e “avançar para imprimir [nesta sociedade] uma perspectiva geracional-juvenil, enfatizando que a adolescência é um tempo de estudar, de se formar cultural e fisicamente, de desenvolver valores éticos e espírito crítico, bem como, de ter garantido os meios de subsistência” (UNESCO, 2004, p.16), uma condição é necessária:

[...] reconhecer e incluir na cena pública os 'novos atores sociais e as novas formas de participação'. Esse é o caso dos jovens, os quais, por serem considerados 'novos atores sociais', para exercerem sua cidadania, precisam construir novos espaços, onde sejam oferecidas oportunidades para que a capacidade e a escolha de influir com poder nas decisões que os afetam sejam legitimadas (BASTOS; CARRANO, 2004, p.3).

É, nesse sentido, que consideramos as políticas para adolescentes uma necessidade urgente. Essas políticas, se elaboradas “*de, para, e com adolescentes e jovens*”, valorizando o contexto objetivo, subjetivo, aspirações e preocupações e as trajetórias desses, muito podem contribuir para que essa população possa edificar sua história e exercer sua cidadania (UNESCO, 2004, p.16).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Propusemo-nos a apresentar, neste recorte, o estado da arte de pesquisa, realizada com apoio do PIBIC/IFCE, sobre a adolescência na contemporaneidade. Na construção deste referencial bibliográfico, constatamos que, por muitos anos, a adolescência foi norteadada pelo senso comum, onde se disseminou a ideia de adolescentes como pessoas complicadas, de difícil relacionamento, mal humoradas, que estão sempre procurando aparecer de alguma forma, seja através da vestimenta, seja por linguagem rica em gírias, ou qualquer outra marca.

Por essas características se encontrarem difundidas no imaginário social da sociedade, remete-nos a crer que esta fase seja igual para todos, sem qualquer distinção de espaço e tempo, sendo, portanto, uma fase natural e transitória onde emergem crises que devem ser superadas com a chegada da fase adulta.

Romper com as visões naturalistas e fatalistas, sobre o que realmente significa a adolescência, se faz necessário, uma vez que, a tendência de perceber a adolescência como um período de transição, tem fortalecido a falta de atenção para com as necessidades dessa população, o desrespeito com os seus direitos e uma exigência, muitas vezes indevida, quanto à efetivação de seus deveres como cidadão.

Rever essas concepções naturalizantes se faz urgente, também, tendo em vista que a fase da adolescência é, sobretudo, marcada por mudanças na subjetividade referentes a determinantes psicológicos interiorizados, com forte interferência dos aspectos culturais e sociais. Seguramente, a adolescência é uma construção social da nossa cultura, não dependendo estritamente da idade ou da maturação biológica para se estabelecer. Nesse sentido, na atualidade, nos parece equivocado falarmos de adolescência como única e invariável, mas como fase de interpretação plural, não sendo contemplada numa definição única e universal, ou delimitada, apenas, do ponto de vista cronológico, compreendendo que

a adolescência é, antes, um processo estruturante da identidade corporal, social, sexual e afetiva, do que apenas um momento de crises e revoltas.

Nesta direção, a atenção ao adolescente deve acontecer de forma que a sociedade valorize seu potencial de contribuição e o apoie, possibilitando que seus pensamentos, desejos, ideias e críticas sejam levadas em consideração, e possam contribuir no seu crescimento, desenvolvimento e exercício da cidadania.

## REFERÊNCIAS

AIRÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981, V2.

ASSIS, Simone Gonçalves de. **Encarando os desafios da vida**: uma conversa com adolescentes. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq. 2005, 36p.

BARRETO, M.A.; AIELLO-VAISBERG, A. **Escolha profissional e dramática do viver adolescente**. Psicol. Soc., Porto Alegre, v.19, n.1, 2007. Disponível em: <1651165P:// www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102-71822007000100015&lng=pt &nrm=iso>. Acesso em: 21 Mar 2018. 165ur: 10.1590/S0102-71822007000 100015

BASTOS, Priscila da Cunha ; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues **Juventude e participação: Análise das políticas públicas municipais dirigidas aos jovens na cidade de Niterói**. In: 27ª Reunião Anual da ANPED, 2004, Caxambu. 27ª Reunião Anual da ANPED - Sociedade, Democracia e Educação: Qual Universidade?, 2004.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde integral de adolescentes e jovens: orientações para a organização de serviços de saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2005.

BUCHALLA, A.P. **A juventude em rede. Como pensam e se comportam os adolescentes de hoje**: filhos da revolução tecnológica, eles vivem no mundo digital, são pragmáticos, pouco idealistas e estão mais orientados do que nunca. **Revista Veja**, São Paulo, p. 85-93, fev. 2009.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2004. Salinger, J.D. **O Apanhador no Campo de Centeio**, Rio de Janeiro

CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M. Por um novo paradigma de fazer políticas – políticas de/para/com juventudes. *Revista Brasileira de Estudos da População*, v.19, n.2, p.19-46, jul./dez. 2002.

COSTA, A. C. G. **O mundo, o trabalho e você**. São Paulo: Instituto Airton Senna, 2001.

DAVILA, L. O. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 10-18.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FROTA, A.M.M.C. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção**. Estud. pesqui. psicol., v.7, n.1, p.0-0. jun. 2007. ISSN 1808-4281.

GASPAR, P.F. **Adolescência: a caminhada entre a infância e a vida adulta**. Jornal da Educação e Cultura (ano X, nº119), São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.mulher.com.br/template.asp?tipo=arq&canal=relacionamento&col=146>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

GROSSMAN, E., RUZANY, M.H.; TAQUETTE, S.T. **La adolescencia cruzando lossiglos**. Adolesc. Latinoam. [online], v. 1, n.2, p.68-74, jul./sep. 1998. Disponível em: <[http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-71301998000100003&lng=es&nrm=iso](http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71301998000100003&lng=es&nrm=iso)> Acesso em: 1 jun 2018.

GÜNTHER, I.A. Adolescência e Projeto de Vida. In: SCHOR, N; MOTA, M. S. CASTELO

BRANCO, V. **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento**, Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, v.1, p.86-92, 1999.

LAMARE, T. Ministério da Saúde. In: Simpósio internacional do adolescente, 1., 2005, São Paulo. Proceedings online... Availablefrom: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000082005000100016&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100016&lng=en&nrm=abn)>. Acession: 04 May. 2019.

NASCIMENTO, I. P. As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial. 2002. 380 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, C. A. A.; COSTA, A. E. B. Categorias de conflitos no cotidiano de adolescentes mineiros. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v.10, n.1, 1997. Availablefrom<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721997000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000100007&lng=en&nrm=iso)>. Access em: 16 May 2019. doi: 10.1590/S0102-79721997000100007.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003.

RUZANY, M. H.; MEIRELLES, Z. V. Promoção de Saúde e protagonismo juvenil. In: Maria Helena Ruzany; Eloisa Grossman. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008

SALLES, L. M. F. Infância e Adolescência: uma leitura. In: 14º Cole. Congresso de Leitura do Brasil, 2003, Campinas, São Paulo. **Anais do 14º Cole: Congresso de Leitura do Brasil**, CDROOM, 2003. p. 1-9.

SILVA, A. Alves da. Saúde do Adolescente: políticas e práticas na 18ª microrregião de Saúde do Estado do Ceará. Dissertação apresentada ao Programa de Pósgraduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2009.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes**. Brasília, 2004.